

CANCIONEIRO DO CACAU
2ª edição



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Andréa de Azevedo Morégula

André Luiz Rosa Ribeiro

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

José Montival Alencar Junior

Lurdes Bertol Rocha

Maria Laura de Oliveira Gomes

Marileide dos Santos de Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Roseanne Montargil Rocha

Silvia Maria Santos Carvalho

CYRO DE MATTOS

CANCIONEIRO DO CACAU
2ª edição



Editora da UESC

Ilhéus - Bahia
2015

©2015 by CYRO DE MATTOS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO
GERALDO JESUÍNO - UFC

FOTOGRAFIA DA CAPA
ROYALTY FREE, FREEIMAGES.COM (ID: 729908)

DIAGRAMAÇÃO
DEISE FRANCIS KRAUSE

ILUSTRAÇÕES
CALASANS NETO
MINELVINO

REVISÃO
CYRO DE MATTOS
MARIA LUIZA NORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica: Elisabete Passos dos Santos - CRB5/533

M444 Mattos, Cyro de.
Cancioneiro do cacau / Cyro de Mattos. – Ilhéus, BA:
Editus, 2015
304p.

ISBN: 978-85-7455-378-8

1. Literatura brasileira – Poesia. 2. Cacau na literatura.
I. Título.

CDD 869.91

Prêmio Nacional de Poesia
Ribeiro Couto da União Brasileira de Escritores,
Seção do Rio de Janeiro, para livros inéditos, 1997.

Terceiro Prêmio Nacional de Poesia
Emílio Moura da Academia Mineira de Letras, 2003.

Finalista do Prêmio
Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, 2003.

Segundo Prêmio Internacional de Literatura
Maestrale Marengo d'Oro do
Centro Culturale Sestri Levante, Genova, Itália, 2006.

Cancioneiro do Cacau, Ediouro Publicações, 1ª. Edição, Rio de
Janeiro, 2002.

Para
José Haroldo de Castro Vieira
e Augusto Mário Ferreira
- em memória.

Também para Itabuna,
cidade no sul da Bahia,
meu chão.

E Mariza,
mulher e companheira.

E a terra produziu erva verde, e que dá semente segundo a sua espécie, e árvores que dão fruto, e cada uma das quais tem semente segundo a sua espécie. E viu Deus que isso era bom.

(GÊNESIS, 1.12)

A REGI



MINELVINO

AO CACAUEIRA DA BAHIA



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Cyro de Mattos, A Palavra Enraizada por Eduardo Portella

OS SORTILÉGIOS

Viola / Evocação / Elogio / Antemanhã / Cacaueiro

AS RAÍZES

Pacto / Natureza Verde / Estações / Povoado / Rumos / Passo de Gume / Mulher / Da Parição / Veredas / Gestação / Canção da Terra / Instrumentos

AS SAFRAS

Plantio / Fruto / Colheita / Da Quebra e Secagem / Embarque

OS BICHOS

Jacaré / Galo / Coruja / Gato / Morcego / Macaco / Sapo / Burro / Grilo / Cavalo / C o / Ovelha (I, II) / Preguiça / Onça / Raposa (I, II) / Urubu / Porco / Cabra / Gavião / Tatu / Curi  / Papagaio / Boi / Cobra / Vaga-Lume / Garça / Acauã / Mico-Leão / Jupar  / Borboleta / Lontra / Beija-Flor

AS CIDADES

Porto Seguro (I, II) / Ilhéus / Belmonte / Canavieiras / Itabuna / Itap  / Coaraci / Camac  / Buerarema / Itajuípe / Ibicar  / Uruc ca / Ubaitaba / Ipia 

OS TRABALHOS

Padre / Jagunço / Mascate / Tropeiro / Aguadeiro / Motorista / Fotógrafo / Topógrafo / Pedreiro / Coveiro / Sapateiro / Engenheiro / Leiteiro / Alfaiate / Areeiro / Lavadeira / Campon es / Carpina / Pintor / Carteiro / Seleiro / Ferreiro / Político / Pescador / Jornalista / Professora / Músico / Médico / Escrivão / Advogado / Promotor / Juiz (I, II) / Oficial de Justiça / Fazendeiro / Doceira / Comerciante / Guarda

/ Tipógrafo / Coronel / Carvoeiro / Carroceiro / Cabeleireiro / Açougueiro / Cozinheira / Padeiro / Trapicheira / Verdureiro / Cantador

OS TRANSPORTES

Caminhão / Navio / Canoa / Montaria / Estrada / Trem / Companhia
Viação Sul Baiano: SU (L) BA ou No Tempo das Marinetes / Tropas /
Avião / Alvarenga

AS IMAGINAÇÕES

Lenda de Boiadeiro (I, II) / Canto a Nossa Senhora das Matas / Lenda do
Fruto (I, II, III) / A Lagoa Encantada / A Cidade Abandonada / A Moça e o
Globo da Morte / O Corre-Costa / Caipora / Amigo-Folhagem / Preto Velho
/ Bicho-Papão / Boi da Cara Preta / Lobisomem / Rasga-Mortalha

OS RECANTOS

Feira / Cemitério / Sede de Fazenda / Vila de Ferradas / Catedral de São
Sebastião / Em louvor de Nossa Senhora da Vitória / Igrejinha de Santo
Antônio / Catedral de São José / Olivença / Pontal dos Ilhéus / País de Sósí-
genes Costa / Santa Casa de Misericórdia / Campo da Desportiva / Jardim
da Prefeitura / Casa do Artesão / Ginásio Divina Providência / Sexta-Feira
Maior / São João / Natal / Os Rios / Ribeirões / Jaqueira / Rio Cachoeira /
Estrada Itabuna-Ilhéus / CEPLAC / Porto Novo / UESC / Chocolate

OS DESCAMINHOS

Do ouro Vegetal Contrário / Quadro na Parede / Poema da Vassoura-
-de-Bruxa ou Versinverso da Flora / Fruto Desfeito / Os (A) talhos /
Porto Velho / Indústria / Sonetos sem Rumo (I a X) / A Casa Verde /
De Ocasos e Sonhos

POSFÁCIO

Cancioneiro do Cacau por Hélio Pólvora

ADENDO

O Autor / A Obra em livro / Sobre o autor em livros / Em revistas e
periódicos / Depoimentos

CYRO DE MATTOS, A PALAVRA ENRAIZADA

Eduardo Portella*

Em Cyro de Mattos, o poema e a narrativa se entrelaçam engenhosamente. Quando escreve o poema, narra; quando narra, jamais se afasta do sopro vital da poesia. Talvez por isso o poema preserve caprichosamente a precisão descritiva. E o relato, em nenhum momento, perde de vista os sinais emitidos pela torre de comando do que já fora, em dias menos conturbados, o laborioso assentimento da arte poética.

O livro de poemas que agora publica Cyro de Mattos, *Cancioneiro do Cacau*, registra essa mesma tensão constitutiva. Nela a percepção imediata e a memória mediata, o acontecimento e a rememoração recolhem e dão vida a paisagens e figuras das “terras do sem fim”. Sobre esse território quase minado, o poeta e narrador Cyro de Mattos escreve a estória animada e inanimada, em meio ao sobressalto da natureza, da cotidianidade, das representações institucionais. A cronometragem do tempo, ao longo da terra e das estações, expõe o olhar perplexo de seus habitantes, a labuta diária, a colheita ocasional e não raro a inviabilidade. Daí a contenda interminável que supre de dramaticidade o verso espesso, e mais ainda crispado, dos melhores momentos de *Cancioneiro do Cacau*.

O vigor cultural da região sulina do Estado da Bahia vem alimentando vários poetas e narradores qualificados. Alguns se

circunscreveram ao espaço regional, outros saíram Brasil afora, e uns quantos tomaram o caminho do mundo. Talvez prevaleça em Cyro de Mattos, como impressão digital, a combinação bem-sucedida de Sosígenes Costa, Jorge Amado e Adonias Filho, esses escritores emblemáticos das terras do cacau, de cidades em formação, cifradas entre o chão e o mar, a esperança e o desencantamento, personagens cindidos entre o conflito interior, certamente localizado no fundo da alma, e o pleito corpóreo da justiça social, jamais atendido, ferida aberta sobre o mundo da vida.

Cyro de Mattos é um deles. Acompanho-o desde os dias matinais, com admiração que só tem crescido com o tempo. Cyro se distingue também como fabulador hábil, na boa linhagem dos seus antecessores, e como poeta e narrador que conhece de perto os segredos e as artimanhas da linguagem. Com essas aptidões, o impulso poético, a ação da fábula e a argumentação da linguagem, calibradas com sabedoria, Cyro de Mattos prossegue em sua jornada instauradora.

Mas o seu poema não irrompe de qualquer abalo sísmico ou de qualquer intempérie facilmente previsível. Ele eclode da história revigorada, nasce do fundo do homem e das coisas, da sua raiz em curso, da sua origem protegida do menor sedentarismo. Lembro-me logo do poema IX, da parte do livro intitulada "Os Descaminhos":

"Dentro de mim ressoa uma nação.
O clima que vem dela nas raízes
Se alimenta em razão de verdes vozes
Do suor derramado pelo chão.

Houve tempo de dedos corroídos,
Duro clamor nos dias mais sofridos,
Cobra no inverno, bala no verão,
De cacau era a flor no coração.

Homem de saga molhada, sangrada,
O ouro vegetal vi sustentar toda
Essa nação enquanto pela estrada

O tempo dava voltas, Tudo agora
Se desfaz. Cai das folhas, insonora,
Essa flor murcha que a agonia gera.”

Cyro de Mattos se compraz em revalorizar a raiz, e revalorizar a origem, em reconhecer o fundamento radicalmente imune ao fundamentalismo. O poeta enraizado, e, no caso, porque enraizado, generoso, recorda para frente. Livremente. Como quem retira dos filtros do passado, e dos detectores de metais do presente, lições, mesmo que enviesadas, para a construção do amanhã.

*Eduardo Portella

Ensaísta e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ex-Ministro da Educação e Cultura do Brasil. Ex-Presidente da Fundação Biblioteca Nacional. Publicou os livros *Dimensão I* e *Dimensão II*, dentre outros.